

APRESENTAÇÃO

A persistência da memória



Segundo a maioria dos analistas desta célebre obra *A persistência da memória* – cujo título tomei de empréstimo ao pintor surrealista Salvador Dalí –, os “relógios derretidos ou distendidos” estão desafiando nossa racionalidade desde que foram pintados em 1931. Alguns mencionam a teoria da relatividade de Einstein como inspiradora da obra na medida em que, para esse cientista, “o tempo se curva sob o impacto da gravidade”¹.

Hoje essa impactante pintura encontra-se no MOMA de Nova York (desde 1934) e continua a pedir que a decifremos. Acreditamos que o mais importante é associá-la à memória cultural, que incorpora

¹<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/01/07/903289/conheca-persistencia-da-memoria-salvador-dali.html>

os elementos que pertencem à esfera do sensível e do simbólico e que escapam aos registros da racionalidade. É curiosa a associação de relógios “moles”, os quais dão a ideia de estarem parados no tempo, com a memória, já que esta, segundo Aristóteles², “é sempre acompanhada da noção de tempo”. Então o que significam os relógios “derretidos”? Se a memória é sempre acompanhada da noção de tempo que passa, o “natural” seria associá-la aos relógios em seu estado original, isto é, em pleno funcionamento. É como se – através da imagem dos relógios destorcidos – o artista quisesse expressar que a noção de memória remete sempre à de esquecimento, sendo memória e esquecimento as duas faces da mesma moeda. A memória é “persistente”, segundo Dalí, por ser o esquecimento não o seu antônimo, mas elemento indissociável de sua composição.

Não seriam esses relógios a representação da “busca do tempo perdido”? Não estaria Dalí, do mesmo modo que Proust, em busca do tempo perdido? A obra de Proust *À la recherche du temps perdu* foi publicada entre 1913 e 1927, e *Matière et mémoire*, de Henri Bergson, em 1896. Logo, a questão de associar “matéria” e “memória” era debatida nas primeiras décadas do século XX, período em que o pequeno quadro foi pintado.

Em análise da obra de Proust, Walter Benjamin afirma que

o passado encontrar-se-ia em ‘um objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação’. Em qual objeto, isso não sabemos. E é questão de sorte, se nos deparamos com ele antes de morrermos ou se jamais o encontramos. (1989, p. 104-105)

Não estaria Salvador Dalí tentando encontrar esse objeto “fora do âmbito da inteligência” que lhe permitisse desvendar seu passado, suas memórias e seus esquecimentos e, assim, o sentido de sua própria existência?

² Aristóteles. *Traité de la mémoire et de la réminiscence*. In *Opuscules*. <http://remaele.org/bloodwolf/philosophes/Aristote/memoire.htm>

Os relógios moles não seriam representações de reminiscências que Walter Benjamin chamou de “imagens do passado que relampejam no presente”? Não haveria propriamente uma apropriação do passado como ele de fato foi, mas de estilhaços do passado que “relampejam no presente”, tendo ao fundo imagem bem realista da praia com a falésia às margens da qual Dalí vivia com sua mulher Gala, em casa de arquitetura curiosa que hoje é o Museu-Casa de Dalí em Cadaquès, Espanha. Nessa medida, podemos interpretar os relógios distendidos como a emergência de traços ou impressões mnemônicas que não chegam integralmente ao nível do consciente. Associações feitas pela memória involuntária e apreendidos de modo fugaz. Como sabemos torna-se componente da memória involuntária tudo aquilo que não foi conscientemente vivenciado. Poderia ter sido o caso destes marcadores do tempo propositadamente deformados para aproximá-los de imagens oníricas das quais o artista lembrava de forma fragmentada e distorcida.

Na presente obra, que focaliza, através de textos literários das três Américas, aspectos relativos à memória e ao esquecimento em romances denominados por Laurent Demanze de “romances de filiação”, queremos apontar questões relativas à “anterioridade” que associam-se à “interioridade” para explorar a “persistência da memória” e os modos de transmissão através das gerações. Os romances são todos da contemporaneidade e foram analisados em perspectiva comparada, destacando-se as relações literárias inter e transamericanas.

Desse modo, o livro é composto, além da apresentação, de uma primeira parte (Parte I) em que são expostas as teorias da memória cultural, da memória inter e transgeracional, do romance memorial e de filiação e da transmissão. Na segunda parte (Parte II), são colocadas em prática – em perspectiva comparada – as teorias expostas na Parte I, examinando as obras de Adriana Lisboa, Conceição Evaristo e Eliane Brum (2.1); de André e Simone Schwartz-Bart e de Ana Maria Gonçalves Maria (2.2); de Cíntia Moscovich, Louise Dupré e Francine Noël (2.3); de Catherine Mavrikakis e Tatiana Salem Levi (2.4) e de Moacyr Scliar (2.5). Na Parte III, optamos por fazer uma

reflexão sobre o imaginário das Américas – caracterizado por transferências culturais, negociações identitárias e formações culturais híbridas (3.1), uma vez que foram estudados autores das três Américas: Brasil, Caribe francófono e Quebec – e outra sobre as Américas como comunidades imaginadas, etnoculturais e memoriais (3.2).

A título de (in)conclusão, encerramos com um questionamento a respeito da validade, na contemporaneidade, de trabalhar com a ideia de gênese e de romances genealógicos em tempos em que preferimos os rizomas às raízes únicas, em que as identidades híbridas se sobrepõem às identidades de raiz única, e em que os apagamentos, as mobilidades culturais e os entrecruzamentos identitários estão na ordem do dia. Se a literatura das Américas é feita com a “matéria da ausência”, como tão bem nos lembra Patrick Chamoiseau em uma de suas últimas obras, a resposta deveria ser negativa, na medida em que, para descendentes de escravos – os migrantes nus – e também para os migrantes em geral que povoam as três Américas, é impossível falar em uma raiz genética única. Contudo, a proposta de falar de genealogias nos dias de hoje permanece válida na medida em que os romances que analisamos problematizam as questões de filiação, herança e transmissão. Não se trata de retomar o velho tema do romance das origens, nem o das sagas que iniciavam pelas origens dos personagens para chegar, através de enfadonha diacronia, até a atualidade, mas de colocar a nu as impurezas fundadoras e de desmistificar a procura obsessiva pela gênese, evidenciando que é tempo de falar, com Édouard Glissant, em digênese...

Referências

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I* – magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1928.

CHAMOISEAU, Patrick. *Matière de l'absence*. Paris: Seuil, 2016.

VIEIRA, Martha Lourenço. A metaforização da memória ou a Dialética da rememoração em Walter Benjamin. In: _____ e SILVA, Isabel de Oliveira. Orgs. *Memória, subjetividade e educação*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. P. 19-29.

PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1999.

PARTE I



Anterioridades / Interioridades



MEMÓRIA CULTURAL E GERACIONAL: ROMANCES DE FILIAÇÃO ENTRE INTERIORIDADE E ANTERIORIDADE

Repensando o conceito de memória cultural e geracional

Os teóricos que hoje introduzem nos estudos da memória social e coletiva a denominação de memória cultural, tais como Aleida e Jan Assmann e Andreas Huyssen, valorizam os estudos da memória não apenas em termos de armazenamento de dados em arquivos, mas de tudo aquilo que escapa ao registro oficial, como o residual, o que foi obliterado ou o que se tentou apagar. Enfim, a assim chamada memória cultural incorporaria os elementos que pertencem à esfera do sensível e do simbólico e que escapam ao registro hegemônico do poder e sua tentativa de construção de uma identidade nacional em termos de totalização. Há, portanto, um caráter político inegável na utilização do conceito de memória cultural.

Ian Assmann (2010, p. 41) aborda a questão do imbricamento das denominações – memória individual e coletiva (Halbwachs), memória social (Warburg) e memória cultural, explicitando que memória coletiva seria a denominação genérica – enquanto se preocupa, no livro intitulado *La mémoire culturelle* (2002, versão do original em

alemão), em distinguir memória comunicacional e memória cultural, que seriam aspectos da memória coletiva. Afirma o mesmo autor que cultura da lembrança e memória cultural podem ser descritas em termos de “tradição” e “transmissão” (2010, p. 31). Ian Assmann argumenta ainda que a memória cultural remete a uma das dimensões externas da memória humana. Nessa medida, a memória cultural seria uma das quatro dimensões da memória externa, a saber: 1. memória mimética (indicações escritas, como livros de cozinha, bulas, manuais etc.); 2. memória dos objetos (móveis, quadros, utensílios domésticos que despertam lembranças de nossos ancestrais); 3. memória comunicacional (a linguagem e a capacidade de comunicar-se não seria interna, mas se desenvolveria no contato com os demais); 4. memória cultural ou transmissão do sentido (ritos e comemorações são transmitidos; os próprios objetos, quando se tornam ícones, transbordam o sentido de memória dos objetos para se tornarem “memória cultural”) (ASSMANN, 2010, p. 18-19).

Já para Andreas Huyssen (1995), o sentido de memória cultural está associado à memória geracional: para algo se transformar em memória, é preciso que seja transmitido de geração em geração. O tempo do ato de memória é o presente, e não o passado, embora toda memória dependa de alguma experiência que ocorreu no passado. Valendo-se de uma belíssima metáfora – o ocaso ou crepúsculo – para definir a memória, o autor menciona que é neste período intervalar – quando ainda não é noite, mas já não é mais dia – que as memórias emergem. “Ocaso (*twilight*) é o momento do dia que antecede a noite do esquecimento; um entre-lugar em que a última luz do dia ainda pode efetuar maravilhas. É o tempo privilegiado da memória” (p. 19-21). A memória cultural está constituída não apenas por dados de arquivo ou pela historiografia tradicional, mas também pela memória contida nos vestígios, no que foi reprimido.

A maioria dos autores citados que trabalham com o conceito de memória cultural insistem na relação entre o imaginário urbano e as memórias traumáticas (extermínios, deportações, *shoah*, escravidão etc.), pois ambos têm um papel-chave na transformação das sociedades

contemporâneas. É nesse sentido que reiteramos o sentido político no emprego do conceito de memória cultural. Régine Robin, num saboroso livro que é, ao mesmo tempo, ensaio e autobiografia, *Le roman mémoriel* (1989), tematiza em ensaios e em contos ficcionais as narrativas de vida de grupos da população que foram obrigados a silenciar, a esquecer e a reprimir para sobreviver, com ênfase para a comunidade judaica à qual ela pertence. Essas lembranças constituiriam a memória cultural que, segundo a autora, não se confunde com memória de grupo, no sentido identitário do termo (1989, p. 56). Seria uma memória geracional cuja fórmula emblemática é: a memória cultural “é o que nós conhecemos de melhor”³ (p. 56). Para melhor explicitar sua fórmula, ela insere uma citação de seu romance *La Québécoise*, no qual a personagem recém-chegada da França para o Quebec rememora com nostalgia o que ela e a família, que exilou-se na França durante a ocupação nazista da Polônia, faziam: os livros que liam, os poemas que recitavam, os exercícios de piano, os fragmentos de filmes assistidos, os objetos que decoravam a casa, bem como fotos amarelecidas. Assim, a personagem elabora listas de filmes, músicas, objetos, nomes próprios para não esquecer-los. Essa memória cultural seria polifônica e também, segundo Robin, aquela que se desenvolve melhor em narrativas ficcionais do que na escrita da História:

Passado fixado, conservado, magnificado, comemorado; passado odiado que queremos esquecer, que reprimimos; contra-memória que opomos à memória nacional, à memória oficial, tirando nossa identidade do “nós” que é oposta a “eles”, passado opressivo.⁴ (1989, p. 59)

3 [...] *c'est ce que nous avons connu de meilleur.*

4 *Passé fixé, conservé, magnifié, commémoré ; passé haï que l'on veut oublier, que l'on refoule ; contre-mémoire qu'on oppose à la mémoire nationale, la mémoire officielle, en sortant son identité du 'nous autres' opposé à 'eux', passé pesant.* (1989, p. 59)

Romance memorial e romance de filiação / Anterioridade / Interioridade

Régine Robin, em 1989, associa memória cultural e **romance memorial** ou romance familiar. Para a autora, o romance memorial seria aquele em que “um indivíduo, um grupo ou uma sociedade pensa seu passado modificando-o, deslocando-o, deformando-o, inventando lembranças, um passado glorioso, ancestrais, genealogias ou, ao contrário, lutando pela exatidão factual, para a reconstituição do acontecimento ou sua ressurreição” (p. 48). Esse romance seria necessariamente híbrido porque não separa mito e fato científico, nem o lendário do histórico. Resumidamente, a memória cultural, expressa através do romance memorial ou parental, desencadeia afetos e pode ser definida como a rememoração dos “fantasmas pelos quais o sujeito modifica imaginariamente seus laços com seus pais” (FREUD apud Robin, p. 47).

Duas décadas mais tarde, Dominique Viart (2008) debruça-se sobre os romances que ele denomina **parentais ou de filiação**. Em alentado estudo sobre a literatura francesa na contemporaneidade, aponta como uma das características do romance atual na França a preocupação com a temática da ascendência, da ancestralidade, projeto este que faz parte de outro mais amplo conhecido como as “escritas de si”, no qual se incluem as autobiografias e as obras autoficcionalis. Observa o autor que, a partir dos anos 1980, o caráter de **interioridade**, que caracteriza as escritas de si, evolui para o caráter de **anterioridade**, que define as chamadas escritas da filiação (escrever sobre o pai ou a mãe) (VIART, apud VIART, D.; VERCIER, B., 2008, p. 79-101).

Falar dos pais é um subterfúgio para falar de si próprio, apontando para um desejo de conhecer melhor a herança deixada pelos pais. Na verdade, trata-se do autobiográfico descrito através de um outro ponto de vista. O filho deseja saber o que aconteceu em momentos da vida dos pais em que ele não esteve presente. Na verdade, esse tipo de romance da memória familiar pode apresentar dois aspectos: a) render tributo aos pais e avós, salientando o quanto o narrador herdou de seus ancestrais, estabelecendo um *continuum* familiar; b) tornar-se um lugar de

afrontamento e de acerto de contas com os antepassados, podendo resultar em ruptura com a família ou em reconciliação após o confronto.

Esse tipo de romance que Viart chama de “romance de filiação” articula-se a partir de vestígios (objetos da casa paterna, cartas, fotos) ou da falta (pais ausentes, transmissão imperfeita, ressentimento).

Quais seriam então as especificidades de cada um; romance memorial (Robin) e romance de filiação (Viart e Demanze)? Ambos são formas autoficcionalis, mas deles se distinguem pela ênfase dada à “anterioridade”, ou seja, para falar de si, os personagens narradores focalizam um ancestral: a mãe, o pai, os avós ou um ancestral mítico.

Resumidamente, poderíamos apontar duas variantes do romance da anterioridade:

1. romance memorial, que seria uma faceta pós-moderna da saga, com ênfase para a busca dos vestígios, rastros e fragmentos olvidados no passado e que constituem a memória cultural, definida por Régine Robin como aquela feita “de pequenos nada”⁵ (1989, p. 21);
2. romance de filiação (ou parental), variante da autoficção com a característica de usar o subterfúgio de focalizar a narrativa na vida de um ancestral (pai, mãe, avós), numa perspectiva de ajuste de contas com o passado; neste caso, temos a presença do que Laurent Demanze chama de “herdeiro inquieto e problemático”, que hesita entre reivindicar a herança paterna ou repudiá-la.

Como se percebe, a linha que os separa é muito tênue, pois, embora estejamos enfatizando a “anterioridade”, eles também são autoficcionalis, portanto, alicerçados na “interioridade ou na subjetividade”. Nessa medida, ocupam um espaço intervalar, já que ambos contêm: a) narrativas excentradas que não respeitam a diacronia (que é essencial nas sagas ou no *roman fleuve* tradicional que caracterizou a ficção do final do século XIX até meados do século XX); b) a presença de um eu narrador envolvido em relatar memórias traumáticas ou pós-memórias.

5 [...] *des petits riens*.

Voltaremos a esses conceitos à medida em que forem seguindo-se as análises dos romances do finalzinho do século XX e os que emergem no século XXI.

Referências

ASSMANN, Jan. *La mémoire culturelle: écriture, souvenir et imaginaire politique dans les civilisations antiques*. Paris: Flammarion, 2010.

ASSMANN, Aleida. Introdução (p. 15-27); A crise da memória cultural (p. 437-442). In: *Espaços de recordação; formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BERND, Zilá. Estratégias memoriais nas sociedades contemporâneas. In: GRAEBIN, Cleusa M.; SANTOS, Nadia M.W. (org.) *Memória social: questões teóricas e metodológicas*. Canoas: Editora UnilSalle, 2013. p. 45-66.

DEMANZE, Laurent. *Encres orphelines*. Paris: José Corti (Les Essais), 2008.

FREUD, Sigmund. Romances familiares. *Livro IX - Obras psicológicas de Sigmund Freud*. www.lacan.dk3.com.

HUYSEN, Andreas. *Twilight Memories: marking Time in a Culture of Amnesia*. N. York: Routledge, 1995.

MARSHALL, Francisco. Apresentação: memória cultural, conceito e projeto. In: HALEWICZ, Tiago. *Memória cultural polonesa*. Porto Alegre: Studio Clio/Vidáguas, 2008. p. 11-17.

PESAVENTO, Sandra J. *História & história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2012.

ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel*. Montréal: Le Préambule, 1989.

TIBURI, Marcia. Entre arquivo e memória: literatura e a arte de viver. Caderno Fronteiras do Pensamento encartado em *Zero Hora*, sábado, 26 de abril de 2014, p. 4-5.

VIART, Dominique. Récit de filiation. In: VIART, D.; VERCIER, B. (éds.) *La littérature française au présent*. Paris: Bordas, 2008. p. 79-101.

VIART, Dominique. Le silence des pères au principe du "récit de filiation". *Revue Études Françaises*. Montréal, Université de Montréal, 2009, v. 45, n 3, p. 95-112.